



CORPOS EM FRONTEIRA: ENFERMAGEM, VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL E JUSTIÇA TERRITORIAL NA AMAZÔNIA¹

BODIES ON THE BORDER: NURSING, INSTITUTIONAL VIOLENCE AND TERRITORIAL JUSTICE IN THE AMAZON

Juan Irineu Silva Bellini Kasprovicz²

RESUMO

Este resumo apresenta o delineamento teórico e metodológico de uma pesquisa em desenvolvimento, voltada à investigação da experiência de profissionais de enfermagem na Amazônia como corpos em fronteira, entre o cuidado e a precariedade, entre o reconhecimento e o apagamento. A partir de uma abordagem qualitativa, crítica e situada, propõe-se analisar como os contextos territoriais de Porto Velho–RO atravessam o cotidiano desses trabalhadores com marcas de violência institucional, racismo estrutural e desproteção histórica. A pesquisa será orientada por entrevistas, análise documental e observação

¹ Resumo apresentado ao GT Direitos Humanos, Saúde e Políticas Públicas, no VI Congresso Internacional DHJUS – Futuros Possíveis. Programa de Doutorado e Mestrado Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça.

² Possui graduação em Direito pela Fundação Universidade Federal de Rondônia. Pós-graduando em Direitos Humanos e Saúde pela FIOCRUZ. Mestrando em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça. Membro do Centro de Estudos e Pesquisas Jurídicas da Amazônia (CEJAM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8266837748387724>.



empírica, visando compreender o corpo do trabalhador como território de disputa simbólica, política e epistêmica. Espera-se contribuir para a formulação de políticas públicas que reconheçam essas trajetórias como centrais à justiça social e territorial.

INTRODUÇÃO

A atuação de profissionais da enfermagem na Amazônia revela muito mais do que condições de trabalho, ela escancara camadas de exclusão, sofrimento e resistência corporificada. Em territórios onde o Estado é presença seletiva e o cuidado se dá apesar da estrutura, os corpos desses trabalhadores se tornam fronteiras móveis entre a saúde e a violência. Essa ambivalência entre cuidado e abandono é experienciada cotidianamente por trabalhadores da saúde, especialmente nas bordas do sistema público. Este estudo apresenta o projeto de uma pesquisa qualitativa em andamento, cujo foco é analisar criticamente as vivências de profissionais da enfermagem em Porto Velho–RO. A proposta articula as dimensões do corpo, território e violência institucional como eixos para refletir sobre justiça social e políticas públicas na região amazônica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PERCURSO ANALÍTICO

A pesquisa se apoia no conceito de corpo-fronteira (DORLIN, 2009), compreendido como território simbólico de atravessamentos políticos, econômicos e raciais. O corpo, nesse sentido, não é apenas uma unidade biológica, mas uma



superfície de inscrição de normas, violências e resistências. Inspirados por Mbembe (2014), Foucault (1975) e Segato (2018), parte-se do entendimento de que o cuidado não se exerce no vazio, mas em ambientes onde a gestão da vida se efetiva, paradoxalmente, pela exposição à morte social (sujeitos cuja existência é autorizada apenas sob condições de extrema precariedade e desamparo institucional).

Na Amazônia, esse cenário tende a se agravar por uma geopolítica de ausência do Estado, onde as estruturas públicas operam, como aponta Santos (2019), entre presenças punitivas e ausências protetivas. A combinação entre racismo estrutural, desigualdade regional, desmonte das políticas públicas e colonialidade do saber leva à hipótese de que os profissionais da Enfermagem, majoritariamente mulheres, enfrentam múltiplas camadas de vulnerabilização.

A investigação pretende identificar, por meio de entrevistas e observações institucionais, relatos de sofrimento ético, físico e simbólico. Com base na literatura revisada, espera-se encontrar padrões relacionados a jornadas exaustivas, ausência de proteção institucional e culpabilização das vítimas. Esses elementos serão interpretados à luz de Dejours (2012), que compreende o sofrimento como parte constitutiva das relações laborais em contextos opressivos, e de Merhy (2005), que destaca a centralidade do trabalho vivo em ato (aquele que mobiliza subjetividade, imprevisto e resistência cotidiana).

Além disso, o estudo parte do pressuposto de que a noção de reparação precisa ir além da compensação material. A escuta dos corpos (compreendidos



como arquivos de memórias) será central na metodologia, com vistas a abordar a memória como dispositivo político. Inspirados em Judith Butler (2015), parte-se da ideia de que a vulnerabilidade não é apenas fragilidade, mas também potência crítica. A dor, quando narrada e reconhecida, pode se tornar instrumento de denúncia e de reconfiguração institucional.

Serão valorizadas, também, as memórias comunicativas (ASSMANN, 2011) desses sujeitos (narrativas orais, afetivas e comunitárias) como epistemologias do cuidado. Essas vozes locais podem revelar lógicas invisibilizadas de resistência e modos alternativos de construir políticas públicas territorializadas. A pesquisa, portanto, propõe escutar a Enfermagem não apenas como categoria profissional, mas como sujeito político e cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os dados ainda não tenham sido coletados, esta proposta busca afirmar que a escuta dos trabalhadores da Enfermagem é também uma escuta do território. Acredita-se que reconhecer os profissionais da Enfermagem como corpos em fronteira é fundamental para compreender os mecanismos de exclusão institucional e desenhar estratégias reparatórias com base na experiência vivida.

Espera-se que a pesquisa contribua para a consolidação de uma justiça territorial sensível às marcas do corpo-trabalho e à cartografia da precarização nos serviços públicos. Mais do que mapear sofrimentos, trata-se de identificar potências críticas que possam inspirar novos sentidos para o cuidado, a memória e a política.



PALAVRAS-CHAVE: CORPO; ENFERMAGEM; VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL; JUSTIÇA TERRITORIAL; AMAZÔNIA.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ASSMANN, Jan. *Memória cultural: escrita, lembrança e identidade política nas primeiras grandes civilizações*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sergio Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DEJOURS, Christophe. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades: Encruzilhadas e diálogos*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1975.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Revista Arte & Ensaios, v. 29, p. 122–151, 2014.

MERHY, Emerson Elias. *Saúde: cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.